

CELULOSE E PAPEL NO BRASIL - Estamos em Evidência?

BOA TARDE A TODOS!

Primeiramente, quero agradecer aos anfitriões deste Seminário - a ANAVE - pelo convite recebido, ressaltando também que é sempre um grande prazer poder estar com os senhores para troca de idéias e experiências fantásticas vivenciadas por cada um de nós em nosso ramo de negócio.

Não farei uma apresentação formal, como de costume, mas apresentarei algumas importantes informações sobre as florestas plantadas e o que estas representam para o setor de celulose e papel e para o País.

As florestas plantadas representam hoje um grande acervo de valores para o País:

Gera:

680.000 empregos diretos

1.700.000 empregos indiretos

1.900.000 empregos distribuídos por sua cadeia produtiva

Vende:

9 bilhões USD no segmento de papel e celulose;

20 bilhões USD nos demais setores: energia, placas, móveis, painéis, etc.

Ocupa:

3,5% do PIB brasileiro

Em todas as cidades onde existe a prática do plantio de florestas, constatou-se que o Índice de Desenvolvimento Humano - IDH subiu mais que a média de seus respectivos estados e capitais (dados registrados entre 2000 e 2005) .

Tem um poder de inserção social - empreendedor, com seus projetos de fazendeiros florestais, que saíram praticamente do zero, mas que hoje, já chegam a 15% do total de madeira consumida pelas empresas, devendo chegar a 30% nos próximos anos.

São mais de 10.000 pequenos fazendeiros, usando não mais que 20ha/fazenda, e aproveitando as áreas degradadas e inclinadas.

Os produtores de florestas plantadas preservam mais de 1,5 milhão de hectares de matas nativas que, desta forma, ficam protegidas da caça, do fogo, da retirada

ilegal, tornando-se um verdadeiro refúgio de proteção para diversas espécies ameaçadas e em risco de extinção e preservando a biodiversidade, que trará imensos benefícios à medicina brasileira no futuro.

A relação é praticamente de 2h plantadas/ 1h de nativas.

Todo este benefício ocupando apenas 5,5 milhões de hectares, similar, portanto à área de plantio da cana-de-açúcar que ocupa 6,0 milhões de hectares e sem o mesmo nível de preservação.

O setor de Agrobusiness usa 63,0 milhões de hectares, enquanto a reforma agrária conta com 60,0 milhões de hectares e a pastagem com 200 milhões de hectares.

Ou seja, com menos de 3% de área de pastagem, o setor florestal gera imensa riqueza para o país.

Além disto, o setor tem investido fortemente em tecnologia, tendo triplicado sua produtividade nos últimos 30 anos. Saímos de 15 m³/ha para 45-50 m³/ha/a.

No entanto, não somos ainda reconhecidos como tal e só esporadicamente, somos citados de forma positiva.

Na maioria dos casos, somos vistos como vilões:

Monocultura; deserto verde; competindo com alimentos e com a agricultura familiar; enfrentamos questões sociais com índios, quilombolas, MST, não raro com invasões de fazendas, destruição de laboratórios, fábricas, etc...

Ora, se queremos crescer e duplicarmos de tamanho, é muito importante que o setor se una; que seja mais criativo e que pense mais estrategicamente sobre o futuro de seu negócio, pois as dificuldades só aumentarão, já que outros setores que usam a terra também querem crescer.

A demanda por proteínas, por energia, por biocombustíveis, pela absorção de CO₂, só tende a crescer e isto acirrará os conflitos pelas terras, água, etc...

O setor tem que se preparar melhor no campo das normas, das regulamentações e dos licenciamentos ambientais.

Parece simples? Mas é uma questão de soberania do país e dos setores produtivos deste mesmo país.

Temos de estreitar laços com novos aliados como, por exemplo, a ABNT, o INMETRO, o CERFLOR, pois as barreiras técnicas crescerão, à medida que vão caindo as comerciais.

Precisamos executar, de forma mais pragmática, as práticas de sustentabilidade, procurando uma melhor inserção junto às comunidades e associações locais; igrejas e com nossos fornecedores e clientes.

Precisamos urgentemente de uma Comunicação melhor, que mostre as virtudes do nosso negócio, que valorize o alto domínio da tecnologia, a geração de milhares de empregos e riquezas e as práticas de atuação em harmonia com o meio ambiente e respeito à legislação.

Precisamos unificar a visão das diversas associações do setor. São muitas siglas falando pelo setor, mas sem um direcionamento estratégico.

Como proposta, sugiro fazermos um grande road show na Europa e nos EUA apresentando o que se faz aqui no Sul, num conceito uníssono das cadeias produtivas do nosso negócio, fazendo frente ao que as ONG's falam sobre nós, impactando quase sempre de forma negativa na imagem do setor.

Devemos mostrar nossa ocupação mínima do solo, tentando acabar com a dicotomia entre agricultura familiar, energética e os plantios de florestas.

Devemos lutar para que os inúmeros órgãos públicos tenham uma visão transversal de nosso setor,

conciliando diversos temas como etanol versus florestas, versus agricultura familiar, versus agrobusiness e não esquecendo dos temas ligados aos transgênicos, pois poderão ser de fundamental ajuda ao futuro deste setor.

Devemos estar mais presentes em Brasília, pois é de lá onde acontecem os projetos de lei que, finalmente se tornam leis com maior ou menor impacto sobre o setor.

Enfim, nosso segmento de negócio, por sua importância e pela inteligência nele embutida, pelo alto nível de pesquisa e desenvolvimento investido, tem ainda muito a fazer no sentido de ocupar o seu verdadeiro lugar no cenário nacional, extirpando de vez a pecha de vilões da história e preparando-se para ocupar seu lugar no mundo globalizado.

É preciso que em algum dia, o Presidente da República e seus Ministros nos apoiem e defendam o setor com a mesma garra com a qual têm defendido o etanol, por exemplo.

Isto é dinheiro!

Mas, independente desse apoio, o setor empresarial deve se unir e continuar a sua luta constante e árdua em favor do negócio florestal.

Esta luta teve uma pequena vitória - introduzimos o termo "apagão florestal" e com a ameaça de falta de

32º fórum ANAVE - 17 DE JULHO/2007
Hotel Transamérica - São Paulo
17 de outubro/2007

madeira, o Governo se mexeu e aumentou o nível de financiamento ao plantio de florestas.

A luta compensa, mas é muito pouco diante do que poderemos conseguir.

Obrigado!

Carlos Aguiar
Presidente e CEO
ARACRUZ CELULOSE S. A.